

## Pragas da Leitura (2)

O título pode ser um tanto jocoso – ele na verdade me foi sugerido –, mas a questão é trágica. Pergunto-me, aliás, se há razões para ser engraçado na situação atual, tanto pelo que acontece ao livro e ao leitor, quanto pelo que acontece à cultura em geral. A única razão para se invocar o humor é que ele não é necessariamente fútil – como entenderam os romanos, que definiram sua função no célebre "*castigat ridendo mores*". Por isso, vale recordar a seguinte piada de português – e tentar interpretá-la:

*A mulher diz ao marido:*

*- Manuel, o menino está precisando de uma enciclopédia para ir pra escola.*

*E o Manuel responde:*

*- Que enciclopédia, que nada! Ele que vá a pé, como eu sempre fui.*

Todos sabemos que o português funciona para nós como o representante típico da pouca inteligência. É interessante notar, neste sentido, que, além de outras tantas formas de representação da ignorância, se tenha escolhido também o desconhecimento do que seja uma enciclopédia. Podemos considerar isso uma homenagem ao livro? Acho que sim, tanto quanto a história do censor no regime de 64 que pediu aos atores de uma peça que ele julgara subversiva que lhe dissessem onde morava Sófocles. Fazer correr estas anedotas é uma forma de vingança contra o poder ignorante, ou o lado ignorante do poder.

1 Professor-assistente Doutor no Depto. de Lingüística do IEL/Unicamp.

2 Este texto serviu de base para uma conferência proferida na FDE; por isso, guarda ainda um certo tom de oralidade e informalidade não-típicas da escrita.

Piadas e histórias deste tipo, não importa se inventadas ou reais, criticam o sintoma de ignorância que é não conhecer um livro ou um autor. A falta de leitura, em suma. Qualquer um de nós, no entanto, pode ser o português, não nos enganemos. Correndo este risco, pode-se tentar ser engraçado, mostrar o quanto é trágico este tipo de cômico que nos aflige.

### **Lendo o Título**

As pragas da leitura são tantas e de tantos tipos que não se sabe mais se o melhor é combatê-las, fugir delas ou rogá-las aos adversários.

Pareceu-me interessante adotar como primeira providência, depois de aceitar a tarefa da conferência e o título sugerido, analisá-lo, para ver se dele mesmo não vinha uma orientação sobre o que dizer ou privilegiar, se não saíam diretamente dele as pragas de que falar. Não achar óbvio nem mesmo um título, tentar interpretá-lo, é uma das maneiras de defender a tese de que estão inscritas no texto muito mais coisas do que pode sonhar um pós-estruturalista. E de combater uma das pragas da leitura, de que falarei adiante, que consiste em crer que, ao ler, não lemos um texto que tem sentidos, mas lhe atribuímos o nosso sentido. Tirar coisas de um texto é uma questão de conseguir explorá-lo, mesmo que seja um título.

A expressão **pragas da leitura** pode ter dois sentidos – ou duas leituras, para usar esta palavra da moda que, por ser aplicada a tudo, em pouco tempo talvez não seja aplicável a mais nada.

O **de** do título pode ser entendido como marca de agente da passiva, de modo que a expressão **pragas da leitura** pode ser lida de forma que **leitura** funcione como agente, isto é, a expressão pode significar "pragas provocadas **pela** leitura". O outro sentido, o mais óbvio, tão óbvio que provavelmente só se pensa nele, é "pragas que atacam, que assolam a leitura", em que leitura é o objeto, o alvo da praga.

Para explorar os dois sentidos da expressão **pragas da leitura**, aquelas que a afetam e aquelas que ela provoca (a leitura como objeto ou como agente das pragas), vale a pena destacar em primeiro lugar aquela na qual menos se pensa, mas que é, na verdade, a raiz de todas elas.

A primeira praga da leitura da qual desejo falar é, portanto, a praga insuspeitada da leitura, a própria **praga da leitura**, isto é, o fato de que alguns gostam de ler, são atacados pela praga da leitura e são considerados mesmo doentes, não-normais, perigosos. Trabalhei, nos idos tempos, numa instituição de ensino superior e pertencia a um pequeno grupo que se reunia todas as tardes para estudar. Por isso, éramos vistos como perigosos. Havia, de fato, dois motivos para não sermos bem-vistos: porque acabávamos por ser críticos dos que não liam; e porque não rendíamos nada, só estudávamos. Não elaborávamos projetos com a cooperativa e as prefeituras para carrear dinheiro. Enfim, éramos improdutivos. Ora, se uma tal avaliação da leitura pode ser feita numa faculdade, onde éramos professores e nosso trabalho era ler e dar aulas, o que se pode esperar que se diga em outros lugares?

Avaliações semelhantes podem acontecer nas escolas. Quando se propõe que os professores adotem um dia de leitura em sua aula, que a leitura seja uma aula, e que neste dia os professores e os alunos leiam, um dos medos que os professores expressam é o de serem tachados de preguiçosos. É porque há diretores, coordenadores e até

mesmo professores, entre eles professores de Português, que acham que ler não é trabalho. Se isso acontecesse numa obra de construção civil ou num quartel, não seria surpreendente, mas numa escola, e mais, numa aula de Português, quiçá de Literatura, isso é sintoma de algo grave. De alguma praga.

Um outro sintoma de que ler é considerado um mal, uma praga, é que, mesmo quando se trabalha a favor da leitura, em programas destinados a treinamento de professores, argumentando em favor da necessidade e da importância de ler, ocorre de se proporem condições extremamente distintas para a leitura em relação às outras atividades escolares: salas especiais, espaços e decoração especiais. Como se ler fosse uma espécie de esporte, que exigisse roupas e espaços específicos. Tudo para que se pense que ler não é trabalhar, não é estudar. Como se leitura pudesse ser mais ou menos do que trabalho, mas não fosse trabalho.

Um outro tipo de praga da leitura – que a leitura provoca – é que ela marca o leitor como diferente, quem sabe ultrapassado. T. ASH, que teve a "sorte" de estar nos lugares certos nos dias certos, recentemente, e que assistiu, por isso, à queda do Muro de Berlim e a outras quedas menos espetaculares no Leste Europeu, disse numa entrevista que duas coisas estão seriamente ameaçadas naquela região, em virtude de sua adesão ao "mercado": uma delas é a fé – ele afirma que conheceu verdadeiros fenômenos de vida religiosa lá, como não há no Ocidente, reino da Mamona–; a outra é a relação com o livro. Qualquer estatística sobre edições em países socialistas, que todos ouvimos dizer que fracassaram, são de envergonhar-nos. E os preços, em conseqüência. E isso produz resultados. O atual presidente da Tchecoslováquia é um homem dos livros. Que ele tenha chegado ao poder foi emblemático de como os intelectuais resistiram, de como foi importante ler. (Nós também tivemos um poeta no poder,

alguém que é dono de uma enorme biblioteca. E na Academia Brasileira de Letras há um general que na juventude escreveu versos. Mas, lamentavelmente, estes dois fatos não são sintomas de que entre nós o livro é valorizado. É sintoma apenas de que a história às vezes não só se repete, mas até mesmo acontece em primeira mão, como farsa.) Uma das pragas da leitura é, pois, a vida interior que ela ao mesmo tempo provoca e supõe. Esta vida interior é freqüentemente insuportável aos de vida rasa. Os que lêem são sempre os desmancha-prazeres, os que fazem a pergunta incômoda no meio da balbúrdia, os que preferem ou pelo menos não detestam a solidão e não conseguem disfarçar um certo amargor e um certo pessimismo, não conseguem fazer de conta que a vida pode ser vivida sem que se pense nos problemas não-resolvidos, provavelmente insolúveis, da humanidade – a falta de justiça, o sonho vão do amor, a solidão, a vontade de conhecer que não se satisfaz, a falta... a miséria da vida que termina... O artista dificilmente é um sujeito otimista. Trabalha em geral sobre problemas. Na *Revista d*, de 31-3-91, há uma citação de William BURROUGHS, um escritor: "Como a maioria das pessoas, vivo em contínuo estado depressivo. Quem tem alguma sensibilidade vive assim. (...) somos virtualmente ameaçados a cada segundo. Os anos noventa são sem humor e nojentos".

Ler, ser um leitor, significa pelo menos aceitar expor-se aos problemas dos autores. Ler é uma forma de conhecimento muito pessoal. Isso significa dizer que o livro exige um sujeito mais voltado para dentro, e para os problemas. Um sujeito solitário, ou disposto a sê-lo durante um certo tempo, vivendo em seu mundo e no dos escritores, num mundo que solicita menos do exterior, voltado para si mesmo, no silêncio. Um mundo a que bastam uma vela e um livro, às vezes, uns óculos. Mas, às vezes, nem olhos são necessários, como mostrou BORGES, embora isso exija uma companhia. Como ser leitor com os *shopping centers*, os concertos de rock e a televisão?

O capitalismo oferece alternativas de diversão, muitas delas coletivas, e mesmo de manifestações artísticas, de forma que o livro fica em segundo plano. Pelo menos o livro de autor. O livro que vende bem é o livro feito sob medida, sob encomenda, respondendo a desejos explícitos do público, que dirige o autor, como nas telenovelas. Pragas da leitura são, pois, o ruído e a televisão. Um impede a solidão, o outro dispensa a ação que ler exige. Pergunto-me se os povos que leram muito continuarão lendo à noite, diante da lareira, em família, depois da televisão e do videocassete.

### **Pragas Contra**

As pragas que assolam a leitura são basicamente de dois tipos: as que a impedem – e isso faz com que a expressão fique até estranha: como pode uma praga assolar uma coisa que não existe? –; e as que afetam de forma negativa qualquer atividade de leitura, isto é, de certa maneira, entortam, enviesam a relação do leitor com o texto quando esta relação chega a ser estabelecida. Em primeiro lugar, falo de uma ou duas pragas que afastam os leitores dos textos. Depois, das que estabelecem uma relação tortuosa.

- Pensar que há livros adequados à idade e ao sexo é uma praga. Livros para crianças, para adolescentes, para meninos, para meninas, para ir ao céu, para engenheiros, para surfistas etc. Negar isso não significa que é com qualquer livro que qualquer um inicia uma carreira de leitor. Dificilmente se conseguiria que uma criança de sete anos de Arroio Trinta (SC) se alfabetizasse lendo *Grande Sertão: Veredas*. Mas, se há alguns textos que claramente não servem para certa idade, disso não decorre que há os que sempre servem e que se pode saber antecipadamente quais. As listas de textos considerados adequados são em geral ruins e não dão certo. Leitores se fazem ao acaso, embora seja preciso dar chance ao acaso. Dificilmente se encontram dois indivíduos que são leitores e que o são por causa do mesmo livro. Às vezes até o são por causa do mesmo professor – não porque é professor, mas porque é leitor.

- A imagem que os adultos, com destaque para os especialistas, têm das crianças é em geral uma grande praga. É nesta idade que se é apresentado ao livro, e o livro ao qual se é apresentado raramente merece nosso "muito prazer". Principalmente se isso se dá na escola. Muitos presenteadores e autores de livros infantis consideram a criança um pequeno idiota; por isso lhe oferecem livros idiotas, com temas idiotas, numa linguagem idiota, que ninguém fala e que só existe em livros infantis, clara e babaca, com mensagens moralistas claras e babacas. A enciclopédia que estes livros em geral supõem nas crianças é sempre menor do que a que elas efetivamente possuem. De forma que o livro não lhes desperta nenhuma curiosidade. E o bom livro é o que, além de supor algo, dá algo que o leitor não tem, seja uma informação nova e interessante, seja um modo novo de tratar uma informação velha – principalmente isso, isto é, linguagem, mundo novo criado na linguagem. Os livros infantis em geral oferecem menos do que a criança já tem, numa forma menos interessante do que as que os próprios leitores já conhecem. A linguagem repetitiva e supostamente clara e simplificada só pode merecer dos leitores mirins o desprezo.

Um outro lugar em que se pode medir isso é a televisão. Os programas a que as crianças assistem são tanto mais assistidos quanto menos eles têm as mensagens e as linguagens adaptadas. Os das TVs Educativas, didáticos, são chatos. As crianças acabam por ver os programas tipo *Xuxa*, que têm a vantagem do não-didatismo explícito. Os programas "infantis" feitos por "especialistas" acabam por não ser vistos. Cultura é isso? Então preferem ser "bobos". O mesmo se dá com os livros. Os futuros leitores desenvolvem, consciente ou inconscientemente, o seguinte raciocínio: Ler é isso? Então, prefiro não ler.

- Falar em leitura remete diretamente a livros, e não se pode falar de livros sem falar dos antilivros, os livros didáticos. Que são uma praga. Uma das coisas mais irritantes é ouvir um vendedor de livros dizer que no volume tal está, por exemplo, toda a filosofia. Os vendedores de enciclopédia e obras assemelhadas têm por profissão enganar seu comprador de livros em metro pela cor da capa, mas alguém que efetivamente leia e conheça um campo qualquer acaba por detestar este tipo de material. Os livros didáticos são assim: espécies de pedaços de enciclopédias, com a agravante de serem malfeitos. Seu mal vem basicamente de se tornarem paradigmas do livro. Acabam por ser utilizados metonimicamente: a parte pelo todo. Milhares de alunos fazem neles suas "pesquisas", levados a achar que contêm tudo o que se sabe. Depósitos de pseudoverdades da ciência, estes livros são responsáveis pela perda da curiosidade. E quem não tem curiosidade não lê.

Se de alguma forma pode ser verdade que o crítico é um pouco o artista frustrado, acho que se dizer que o autor de manual didático é o cientista frustrado: o manual é anticientífico. Na ciência, valem muito as perguntas, as dúvidas, os caminhos. Nos manuais, valem apenas as respostas. O que um cientista menos conhece são respostas. No que se refere especificamente à literatura, os manuais didáticos têm a mania de escolher pedaços representativos, às vezes até representativos mesmo, e desfigurá-los em lições de aprender gramática. Depois querem que alguém goste de ler. É preciso acreditar muito em milagres para esperar o bom resultado.

- A censura é uma outra praga e outra forma de seleção do livro adequado. Merece tratamento à parte. Numerosos distribuidores de livros em sala de aula os selecionam com base em critérios moralistas ridículos. Sexo e violência são, nos chavões que circulam, razões para que um livro não seja lido. Ora, não há um bom livro, provavelmente, que não toque nestes problemas. Como mandar um aluno ler um bom livro, se todos os bons livros tratam de assuntos sobre os quais não se quer que ele leia? Do ponto de vista específico da linguagem, o bandido é o palavrão. Em qualquer manual elementar de sociolinguística ou sociologia da linguagem, trata-se o palavrão como um exemplo de tabu. Entre outros, como os nomes de doenças que temos medo de dizer, por exemplo. Ora, se os palavrões não fossem utilizados, apesar de proibidos, eles desapareceriam. Se não desaparecem, é porque são utilizados. Então, por que o falso moralismo da escola, fazendo de conta que mudará o mundo, deixando-o limpo, se proibir sua circulação escrita e o acesso dos alunos a textos que os contenham, em especial se se sabe que alunos são em geral grandes usuários do palavrão?

- Praga mesmo é a resposta certa, a leitura única, a leitura baseada na autoridade, não no trabalho interpretativo. Se isso é danoso na formação científica, imagine-se na literatura, que, mais que outro campo, não quer dar uma resposta. O que significa tal passagem de tal poema? Dificilmente se pode fazer uma pergunta mais idiota do que esta. O que não significa que o poema não signifique nada. Pelo contrário: ele significa muito, muitas coisas, às vezes ele significa mais pelo que é do que pelo que significa. O que não se tem é o direito de exigir uma única resposta, uma única leitura. Praga praguenta: a leitura única, uniforme, para todos da mesma série no mesmo ano no mesmo país.

O lugar por excelência dessa praga é a ficha de leitura. Se eu tivesse poder, rogava uma praga a seus inventores, divulgadores e usuários.

- Pior ou tão grave quanto esta última praga é o seu avesso: qualquer leitura serve, o que gabarita o ignorante, num país de analfabetos, a defender o que diz escorado em afirmações modernas do tipo "mas esta é a minha leitura". Com isso sente-se isento do esforço de aprender e comparar e completar sua enciclopédia, seus critérios

de leitura. Se é verdade que um texto tem muitas leituras ou pelo menos mais de uma, também é verdade que numerosos equívocos se cometem, através de associações livres que, se são lícitas para interpretar sonhos, quando o intérprete é FREUD, não necessariamente o são para a análise de textos datados e com autores com endereço conhecido e por leitores de pouco estofo. Isso não significa defender a existência de leitores bons ou maus, e condenar a estes. Mas defender que a leitura é um trabalho para toda a vida.

- Se a escola é também um tempo de preparação, se leitura é um lugar de trabalho, uma das conseqüências é que se deve trabalhar com todos os tipos de textos relevantes. Não só o literário, embora sem a exclusão do literário. Falo, por exemplo, da completa ausência de leitura e análise de textos de circulação cada vez mais elevada, textos que ensinam a fazer coisas. Dentro de pouco tempo, mesmo em um país subdesenvolvido como o nosso, haverá computadores em todas as esquinas, e aprender a usar um será muito importante. Os textos que ensinam a fazer isso são ruins, os leitores que devem ler isso não têm nenhum treinamento. Todos os dias somos espoliados por despachantes porque não temos nenhum treinamento com formulários, com imposto de renda, com IPTU, contratos de aluguel etc. Ler regras de jogos, regras de montagem etc., fazer funcionar partes insuspeitadas do cérebro. Além do mais, freqüentemente a literatura trabalha sobre estes tipos de textos como fonte e forma. Ler também o que não é sagrado, a literatura consagrada, eis o que quero dizer. A praga que quero combater é a da seleção repetitiva dos mesmos livros em todas as escolas, o tempo todo. ALENCAR é ótimo, mas não é o único. Até mesmo quem não é da área chega e pergunta: quando é que meu filho vai ler *Iracema*? Agora as escolas não mandam mais ler *Iracema*? E como quando perguntam: e quando é que vai ter verbo irregular? Quando a escola muda um pouco para melhor, lá vêm os especialistas em ignorância e perguntam se os filhos não vão ser enganados do mesmo jeito que eles foram. Não querem que se tente nada de novo, mesmo o equívoco tem que ser sempre o mesmo, passar de pai para filho.

- Uma das coisas que se descobre quando se li é que um livro ecoa outro. Que um dos maiores prazeres está em descobrir relações entre livros. Ecos de estruturas, pedaços de frases, nomes alusivos, retomadas do mesmo assunto etc. É a chamada intertextualidade. Ora, como descobrir um prazer dos mais fundamentais da leitura lendo pouco, se, para se ter acesso a ele é preciso ter lido muito? Praga da falta de quantidade. E necessário uma certa quantidade de qualidade para que este tipo de prazer comece a funcionar. Ler é reler, ou no mesmo livro ou em outro, a mesma coisa, a mesma cena, a mesma frase, a mesma personagem. Os homens são pobres, não têm muitos problemas, são sempre os mesmos, os temas e os arquétipos estão sempre por aí. Famílias inimigas, o amor como moeda política etc. Isto está em todas as novelas, em todos os romances. Os mesmos temas aparecem também nesta literatura superficial de banca de revista. Os temas são os mesmos. A diferença é a qualidade do tratamento. E, como disse alguém: se eu tiver que indicar uma história de amor, por que escolher *Love Story* se posso indicar *Romeu e Julieta*? Diferença semelhante à que existe entre a poesia e a publicidade. Se a questão é de profundidade, se ficamos no raso, como ver o fundo? Quantos brasileiros viram uma novela em que havia um Édipo e uma Jocasta e um era filho da outra e não sabia que esta história tinha sido escrita há 2.500 anos? Se passa na novela das oito, por que ler ou ir ao teatro? Lembro-me de uma criança a quem indiquei um livro e que me disse: "já vi num desenho". Muitos pensam que as crianças, os jovens, os adolescentes não têm competência para um *Romeu e Julieta*. Assim como se pensa que pobre não gosta de Mozart e de orquestra sinfônica. Praga do elitismo e da ignorância, rentável no entanto, de alguns representantes das elites.

- Na escola, praga mesmo não é professor que não manda ler, é professor que não lê. Quem não lê não sabe o que está perdendo, e portanto não tem por que aconselhar ou criar oportunidades para que outros leiam. A experiência de leitor é intransferível. Se alguém lê e consegue com isso que outro se impressione e tente também, esta já será uma outra experiência.
- Um amigo que foi também colega de trabalho e que era bom frasista, disse um dia algo que não esqueci: "quem não lê ficção só diz o óbvio". Grande verdade. E talvez eu tenha feito isso aqui hoje – só tenha dito o óbvio. Se tivesse selecionado passagens de autores que tematizaram a leitura em sua ficção, como por exemplo Umberto Eco, certamente o efeito teria sido mais poderoso. Mas talvez, em consequência, ninguém reclamasse, ninguém discordasse, ninguém debatesse. E então, o que teria adiantado, se minha função aqui hoje é fazer falar?